

DEUS E

A' Ex.^{ma} Redação de
O ESPOZENDENSE
ESPOZENDE

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA

Director, Editor e Administrador — *Avelino Alves Sampaio*

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Belinho — ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA — DEUS E PATRIA

Composto e impresso na Typographia Viziense — Rua Silva Gizo, 42 a 46 — VIZEU

O EVANGELHO

1.º Domingo da Quaresma

N'aquelle tempo foi Jesus levado pelo Espirito ao deserto, para ser tentado pelo demonio.

E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, teve depois fome.

E chegando-se o tentador, disse-lhe: Se és filho de Deus, diz a estas pedras que se convertam em pão. Mas elle, respondendo, disse: Está escripto: *O homem não vive de pão, mas de toda a palavra, que procede da bocca de Deus.*

Então o leva o demonio á cidade santa, e o põe sobre o pinaculo do templo, e diz-lhe: Se és filho de Deus, deita-te abaixo; pois está escripto:

Aos seus anjos ordenou a teu respeito, e elles te tomarão nas mãos, para que não magões o teu pé n'alguma pedra.

Disse-lhe Jesus: Também está escripto: *Não tentarás o Senhor, teu Deus.*

Outra vez o leva o demonio a um monte muito alto, e mostra-lhe todos os reinos do mundo, e a gloria d'elles.

E disse-lhe: Todas estas coisas te darei, se prostrando-te me adorares.

Então diz-lhe Jesus: Vae-te, Satanaz! pois está escripto: *Adorarás ao Senhor, teu Deus, e só a Elle servirás.*

Então o demonio o deixou; e eis que chegaram anjos, e o serviam.

(Do Evang. de S. Matheus, cap. IV, 1-11).

REFLEXÕES

Deus tentado pelo demonio!... Tentado para peccar!... Tentado para adorar o demonio!... Poderá imaginar-se coisa mais extraordinaria? Mas é o proprio Evangelho que o diz, e portanto, por mais extraordinario que nos pareça o facto, elle é incontestavel; o Espirito

Santo, principal auctor do Evangelho, é garantia da sua absoluta veracidade.

Occorre, desde então, perguntar: Para que se deixaria Jesus tentar? Que lições nos quiz dar?

— Como está escripto no livro de Job, «a vida do homem sobre a terra é uma continua tentação» e não ha ninguém, por mais sabio ou santo, que não seja algumas vezes tentado. Incita-nos ao mal o mundo com as suas maximas e exemplos perversos; o demonio com as suas suggestões, e até a nossa propria natureza com as suas tendencias desordenadas. Não ha idade, estado, posição social nem lugar isento de tentações; porque, como diz o auctor da sublime *Imitação*, «em nós mesmos está a causa d'onde vem as tentações, pois nascemos com inclinação ao peccado».

São más as tentações?

Se o foram, não se sujeitara a ellas a propria Santidade infinita, o proprio Filho de Deus.

Em si, não são más, e porisso Jesus nos ensinou a dizer no Padre Nosso: *Não nos deixeis cahir em tentação*; e não: *Livrae nos da tentação*, porque a queda, o consentimento, é sempre uma desgraça, ao passo que a tentação é fonte de inapreciáveis bens para quem lhe resiste. A tentação humilha-nos; instrue-nos e purifica-nos. Obriga nos a vigiar e mortificar os sentidos e a preservar na oração. Mostra-nos a solidez ou fragilidade da nossa virtude, o valor dos nossos propositos. Leva-nos a desprezar este mundo, cheio de perigos e de combates, e a desejar ardentemente a tranquillidade da bemaventurança, recompensa prometida aos que combaterem o hom combate.

Ahi temos, pois, já um motivo por que Jesus se deixou tentar: quiz mostrar-nos que a tentação não é um mal.

— Em segundo lugar, Jesus quiz ensinar-nos como devemos proceder para não cahir na tentação.

O exemplo é perfeito, como todos os seus actos: preparou-se com o jejum e a oração fervorosa durante quarenta dias e quarenta noites; e quando o tentador lhe deu o triplice assalto, Jesus recorreu á palavra divina e com ella repelliu as suas insidias.

Vendo que o Senhor, em consequencia do longo jejum, estava extenuado, o demonio entendeu que poderia submette-lo ao seu imperio pela gula, mas Jesus responde-lhe: Está escripto: «Nem

só de pão vive o homem...» Defende-se com a palavra divina: *Scriptum est.*

Nada conseguindo pela gula, o demonio tenta-o pela vaidade: e Jesus defende-se e vence-o novamente com a palavra de Deus, dizendo-lhe: *Scriptum est*, está escripto: Não tentarás o Senhor teu Deus».

Finalmente, o demonio lança mão da ultima das suas armas, que é a ambição das riquezas e poder, offerece-lhe todos os reinos, se prostrado o adorar; e Jesus afugenta-o ainda com a palavra divina: «*Scriptum est*, está escripto: Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a Elle servirás».

A palavra divina!... Seja qual for o tentador ou a tentação, ahi temos uma arma forte e invencivel. Não discutamos com o tentador; mas ás suas malignas suggestões respondamos firmemente: Deus o manda... Deus o prohibe... Deus o disse... E se n'estes principios nos mantivermos firmes, o tentador ha de fugir, a tentação dissipar-se e grande será o merito por nós alcançado.

A PENITENCIA

A penitencia perfeita consiste no reconhecimento dos peccados, na verdadeira dôr d'elles, na sincera e dolorosa confissão das torpezas, na fervorosa satisfação, na firmeza dos propositos, na cautela dos perigos, e no exercicio e applicação a obras de virtude.

Tem dôr das tuas culpas, lava com a agua do teu pranto as manchas, mas que a tua dôr seja moderada, que decline a confusão mas não pare em tristeza, porque o exaggero em tudo é pernicioso. Tendo de exaggerar ou de temer da justiça divina ou na confiança da misericordia, antes excedas n'esta ultima, porque a bondade de Deus mais se inclina ás doçuras do perdão que ás asperezas do castigo.

Para todas a penitencia é proveitosa e necessaria. O Baptista, santificado no ventre da mãe, foi penitente.

S. Pedro chorou a sua negação com amargura. O sal para toda a carne é bom: preserva-a fresca para que não se estrague, corrige a que começa de corromper-se, para que não se perca.

A penitencia é sal que conserva e faz justos. Sem ella, pouco valem as virtudes e não têm remedio os peccados. É acre e incommoda o amor proprio, mas é um mal bemaventurado que occa-

siona bens, e os bens que o amor proprio apetece são manancial de males. O penitente é soffredor; padeça em boa hora o culpado, pois por seu amor padeceu Christo innocente. Oh! como desatenda a este exemplar quem só quer ter gostos e consolações, n'este valle de lagrimas e misérias!

Chorae, ó mortaes, chorae n'este mundo as vossas culpas, chorae enquanto viveis na região do pranto, e chegareis á patria celeste, onde se enxugarão as lagrimas e gosareis na satisfação dos vossos desejos.

(Sentenças do B. Gil, franciscano).

Quaes são as mães que amam seus filhos?

As que se esforçam para que elles sejam bons; e como o não podem ser sem que se acostumem desde creancinhas á pratica da virtude, essas mães trabalham por os habituar á obediencia aos superiores, á moralidade e ao exercicio dos deveres religiosos.

Quem não é virtuoso não pode ser feliz, nem mesmo n'este mundo; ora, como a virtude é muito contraria ás inclinações naturaes, difficilmente entra no coração, a não ser que desde creancinhas (pois n'esta idade somos mais maleaveis) nos habituem a ella.

Quantos homens vemos desgraçados no mundo porque seus paes descuraram desde o principio a sua educação moral e religiosa?

Um nobre educado para o cadafalso

Em uma das mais importantes cidades de Hespanha, cujo nome se omitta por razão bem conhecida, foi condemnado á pena ultima o filho mais velho de nobre e abastada familia. Achando-se já o desventurado jovem no oratorio, pediu confissão e a fez cheio de arrependimento e sincera dôr com um respeitavel Padre da Companhia de Jesus. Terminada a confissão, supplicou-lhe o reu que seu pae viesse ao carcere afim de lhe perdoar e trazer-lhe ao mesmo tempo o perdão de sua mãe. Fê-lo o Padre Jesuita, custando não pouco trabalho induzir o pae a acceder aos desejos do seu filho. Emfim foi elle ao carcere.

Apenas o viu aquelle joven, lançou-se aos pés do pae, pediu-lhe que lhe perdoasse e o fizesse tambem em nome de sua mãe. Commovido profundamente o pae, concedeu ambos os perdões ao filho abraçando-o com ternura; então este disse: Agora, meu pae, eu lhe perdoo o mal que me fez.

—Que mal te fiz, meu filho? respondeu o pae confuso.

—Lembra-se, meu pae, d'aquelle dia em que, ao sahir da igreja, me arrancou do pescoço a medalha, dizendo: *Deixa essas coisas que são beatissimas de tua mãe.* Não se recorda, acrescentou, que quando pela primeira vez insultei os creados me disse: *Fazes bem, tu és o amo e podes tratá-los como queiras.*

Olvidou-se acaso que pôr causa das primeiras más notas fui reprehendido

por minha mãe e o sr. disse: *Deixa-o, é rico não precisa de trabalhar.*

Lembra-se d'aquelle dia em que pela primeira vez lhe furtei uma peseta para jogar; soube-o minha mãe e encerrou-me no quarto por castigo, o sr. me soltou e pondo-me na mão uma onça de ouro, me disse: *Toma, meu filho, que o dinheiro é para gosar.*

Pois quando perdi a fé, aborreci o trabalho; em consequencia faltou-me o dinheiro e joguei para gáudio; perdi e roubei para jogar, depois assassinei e amanhã subo ao patibulo, manchando a nobreza do nosso nome com infelizes borraõ. Deus lhe perdoe, ó pae, comeu eu lhe perdoo!

Ao ouvir tão horrivel relação, cahiu o pae por terra desmaiado de dôr exclamando:

Que horror! que horror! ser eu mesmo o assassino moral de meu filho!

Quantas coisas existem e comtudo não as vemos

Não vemos a Deus com os olhos do corpo. E não admira porque tambem com elles não vemos os sons, ainda os mais proximos, não vemos os aromas mais energicos, não vemos o gosto das fructas e mais alimentos, não vemos a maior parte dos gazes, como, por exemplo, o oxigenio, o nitrogenio, o anhydrido carbonico que se acham no ar ao redor de nós; não vemos as dôres e demais sensações, nem em nós nem em pessoa alguma; não vemos os sentimentos de alegria, amor, odio, etc.

Quantas coisas ha, portanto, que os nossos olhos não podem observar?

CONVERSANDO...

—Agora sim, mulher, agora é que as coisas vão tomando bom caminho. D'aqui a pouco vamos todos ser ricos.

Assim se expressava muito presenteiro o José Liberato, que não era cidadão de Tuy, mas da aldeia de X, onde possuia umas geiritas de terra, herdadas de seu pae, coisa pouca, é verdade, mas que o auxiliavam, ainda assim, para sustentar a familia, bastante numerosa.

—Ricos! exclamou a mulher do Liberato. E d'onde nos ha de vir a riqueza? Nós não temos nenhum tio no Brazil.

—Qual Brazil, nem meio Brazil, mulher. A fortuna está cá mais perto, ao alcance da nossa mão e não tardará a hora em que poderemos apanha-la.

—Olhá, José, volveu a mulher, eu não te percebo; ou antes, tenho medo de perceber. Está-me parecendo que são essas malditas leituras que te dão volta ao miolo.

—Não digas tolices, mulher. Estou em meu juizo perfeito. Então pode lá admitir-se que uns tenham muito e outros pouco, que uns sejam ricos e outros pobres. Vê lá na Russia. Alli já são todos eguaes; já se dividiram as terras.

—Sim... interrompeu a mulher, mas esqueces-te do resto. De que serve terem dividido as terras, se ninguem quer trabalhar! Isso é que é estar cego, homem de Deus! Pois não tens sido tu o primeiro a lêr essas coisas horrosas

que vêem nos jornaes? Aquillo é ge a morrer aos milhares, passadinha fome. É um poder de fuzilamentos pelas *bolsa vidas*, ou como é que chamam, e ainda me vens fallar na Russia!

—Sim... não digo que não tenham havido alguns desmandos, mas... ha de passar...

—Ha de passar!... Ora ahi está uma coisa menos certa. Ha de passar. Quando, fazes favor de me dizer?

—Lá isso não sei.

—Ha de passar quando já não houver remédio, não é verdade? Quando esses pobres loucos se tenham comido uns aos outros. Olhá, José, não me fallas n'essas desgraças. Ainda que eu pudesse ser rico por essa maneira, á custa do sangue dos outros, não queria; mas não tudo isso é mentira... No fim ha de vir a desgraça de todos.

—Talvez tenhas razão, mulher, mas olha que era bonito sermos todos eguaes, todos livres, sem distincção de idade, nem de classes, não ter que obedecer leis, nem decretos, não pagar impostos, dividir egualmente todos os bens... Eu cá por mim; se o pudesse faze-lo, fazi-o...

—Pae, interrompe o filho mais velho, rapazote dos seus 18 a 20 annos, que escutára attentamente esta conversa entre os seus progenitores, — eu tinha a pedir, ou antes, a reclamar uma coisa. Sou inteiramente da opinião do pae, mas o que eu queria é que o pae fizesse uma experiencia d'essas ideias.

—Uma experiencia! Como?

—Perfeitamente. Nós temos vivido aqui muito bem, em familia, mas a vontade do pae é que governa. Ora eu sou já um homem, e o Carlos com os seus 16 annos tambem já não é criança. Podemos; tambem nós temos direito a ser livres, independentes de toda a auctoridade de quem se nos quer governar.

—O que é lá isso? retrucou o José Liberato. Então não querem lá xar o garoto? Se essa lei viesse para todos, vá...

—Essa lei, pae! Mas o pae ainda ha pouco disse que não queria leis. Ora, o que eu digo é que para se fazer a experiencia, não temos necessidade dos outros. Uma familia é uma sociedade completa em ponto pequeno. Ora, porque que só o pae é que ha de ter o direito de dispôr de tudo, governar tudo e possuir tudo? Vamos dividir as geiritas da terra que tambem são nossas e depois, cada qual governe-se.

—O' meu patife! Então tu querias que eu arruinasse a casa? O que temos dividido por todos, não chega a dez reis de mel coado.

—Pois olhe, é o mesmo que succederá com a tal partilha geral, tornou o filho. Mas... pouco ou muito, se é um direito...

—O direito te hei de eu dar n'essa costellas. Trabalha, trabalha para ser alguem e calla o bico.

—Pois já me callo, pae, visto que manda a força. E agora peço-lhe que reflita, no que vem a dar a tal liberdade e a tal egualdade.

O José Liberato levantou-se da meza furioso, mas quando se recolheu ao seu quarto com sua mulher, disse-lhe:

—Mulher, o nosso filho abriu-me os

alhos. Agora vejo que tenho sido um idiota em dar ouvidos a essas cantilenas dos que querem ser ricos sem trabalhar. Mas acabou-se. Foi uma bella lição que me deu o rapaz.

A CONFISSÃO

I

O que é a Confissão ?

A confissão é a accusação que devemos fazer de nossos peccados a um sacerdote, para obter o perdão de Deus.

Confessar-se é ir procurar um sacerdote, um ministro de Jesus Christo e accusar-lhe com singeleza e arrependimento todas as faltas que tivemos a desgraça de commetter.

Os que se não confessam, fórmam da confissão as ideias mais extravagantes e ridiculas.

Uma senhora protestante, que frequentemente tomava conselhos de Monsenhor de Cheverus, Bispo de Boston, dizia-lhe que a confissão parecia-lhe muito absurda. «Não tanto como vos parece, lhe disse, sorrindo, o bom Bispo; sem que o duvideis, séhtis o seu valor e a sua necessidade, porque há já algum tempo que vos confessaes commigo sem saberdes. A confissão não é outra coisa que o confiar-me as penas da consciencia que quereis expôr-me para alliviar-las».

Aquella senhora não tardou muito em confessar-se formalmente e tornar-se catholica.

Além d'isso, nada ha mais natural que a confissão. Voltaire, auctoridade nada suspeita, assim o affirmava n'um dos seus momentos mais lucidos: «Não ha, escrevia, instituição mais útil; a maior parte dos homens, quando cahem em grandes faltas, sentem por natural consequencia o aguilhão do remorso; e só encontram consolação sobre a terra, pedindo reconciliar-se com Deus e commigo mesmo».

Assim, pois, quando nos confessamos descarregamos a nossa consciencia dos peccados que a deshonram, e recebemos no Sacramento da Penitencia a paz do coração e a tranquillidade da alma.

II

E' de absoluta necessidade o confessar-se ?

Absolutamente, caro amigo, e não ha que oppôr-se. Nosso bom Deus é quem quer, e Elle é o nosso supremo Senhor. Poder-se-ha, não ha duvida, clamar e protestar, maldizendo este sobetano preceito; mas Deus é quem o manda; Elle, mesmo instituiu a confissão e seus mandamentos devem acatar-se e cumprir-se.

Nosso Senhor, ao baixár a esta miseravel mundo, escolheu um certo numero de discipulos, a quem fez seus ministros, confiando-lhes a santa missão de pregar a penitencia a todos os homens, e dando-lhes ao mesmo tempo a elles e a seus successores o poder de perdoar em seu nome todos os peccados. E porisso mesmo nos impoz a todos, sem excepção, a obrigação de confessar as nossas faltas a estes homens, que são os seus ministros e os seus representantes na terra: sem o cumprimento d'esta obrigação per-

maneceremos encobertos no lodo de nossos peccados, e depois da morte seremos castigados com o inferno.

E' o mesmo Deus, é Nosso Senhor Jesus Christo quem disse aos seus Apostolos:

«Recebei o Espirito Santo. Serão perdoados os peccados áquelles a quem vós os perdoardes, e retidos áquelles a quem vós os retiverdes. Tudo o que ligardes na terra, será ligado no ceu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no ceu.»

Quereis coisa mais clara, mais formal que estas palavras divinas: «Os peccados serão perdoados a quem os perdoardes?»

Logo, é o mesmo Deus quem instituiu a Confissão na terra; é Elle que nos manda confessar aos seus sacerdotes, com o fim de obtermos, por seu ministerio, a remissão de nossos peccados, e livrar-nos do fogo eterno.

De vontade ou por força, é necessario passar este caminho: ou confissão ou inferno; o inferno de interminaveis tormentos. A cada um cabe escolher.

Mgr. de Segur.

A LAREIRA...

O valor das coisas, dizia mestre Pedro, é relativo ao uso que d'ellas fazemos. Assim, uma coisa tanto mais valerá quanto maior for a necessidade que tenda a satisfazer.

Ora, o homem, materialmente fallando, nada mais necessita n'este mundo que o pão e os vestidos. E' esta a sua unica necessidade, o alvo de todas as suas operações, o fim de todos os seus trabalhos, e do mais só cuida quando isto lhe sobeja.

Não tendem a outro fim as fabricas, o caminho de ferro e a navegação, todos os progressos materiaes da industria e do commercio, os aperfeiçoamentos da arte bellica, a politica e a sciencia de enganar o nosso semelhante, as grèves e os comícios, as sociedades e companhias emfim, todo o movimento das sociedades e do individuo não têm outro objectivo que produzir pão ou facilitar os meios de o adquirir.

O pão e os vestidos são a unica riqueza do homem material, a riqueza verdadeira, real, positiva.

O dinheiro, pelo contrario, não tem valor algum real, porque não pode satisfazer, realmente, nenhuma necessidade.

—Essa agora é boa, mestre Pedro, diz-lhe do lado o sr. Antonio da Eira! Tendo dinheiro; tendo pão.

—Perdão, sr. Antonio, não é assim, continúa mestre Pedro. O valor do dinheiro é representativo e ficticio, é uma questão de convenção tão mudavel como a vontade dos homens, que desaparece logo que não haja pão, de cujo valor elle seja um documentó.

Se temos muito dinheiro, mas não achamos quem por elle nos dê pão, essa moeda é falsa.

O pão, porém, tem sempre o valor proprio. Nunca deixa de ser pão, apesar de todos os convencionalismos, e não ha nada que lhe faça baixar o valor real. De que me serviriam cem contos, se por elles não me desse um kilo de pão?

—Lá isso é verdade, mestre Pedro...

—Pois ahí está, morreria de fome, apesar de todo esse dinheirame. Portanto, estou na minha, o pão é a unica coisa necessaria á vida do homem.

—E d'ahi mestre Pedro, que quer vocemecê concluir com toda o seu aranzel?

—Quero concluir, rapazes, que a unica riqueza verdadeira, é o trabalho, capaz de converter a terra em pão, e que a fonte de todas as riquezas são estas nossas ricas terras que o pão produzem.

Quero concluir, accrescenta mestre Pedro, já entusiasmado, que todas as industrias e operações humanas, embora sejam fonte de riqueza, são-no indirectamente, porque a verdadeira fonte, a rainha de todas as industrias é: a *industria agraria*. Esta é que dá todo o valor ás outras, esta é o fundamento e garantia de todas as demaes.

Queremos, pois, ser ricos? Não procuremos as cidades nem demandemos terras longinquas.

Rumo aos campos!

Profundemos-lhes as entranhas, procuremo-las bein em seu fecundo seio, e n'elle acharemos thesouros reaes e permanentes.

Sulpicio Severo.

Testamento de um aviador francez

«Se, com as azas despedaçadas nas alturas, eu cahir sobre a terra, voltando minha alma para Deus, estas poucas linhas levarão a minha mãe e a meu pae os pensamentos supremos do meu estremeado filho. Logo que o avião mortalmente ferido se recusar a qualquer trabalho e a queda se for precipitando, uma paz infinita se apoderará de mim e cantarei jubilosamente com todas as forças de minha alma!

Gloria in excelsis Deo!...

Oh! estes poucos instantes perante o soffrimento e a morte, de que os desorientes têm um tal horror, que procurarão, de certo occulta-los, vós os abençoareis commigo; porque são um favor do Soberano Juiz.

A' medida que o meu corpo arrepiado se aproximar do solo, minha alma elevar-se-ha mais leve ás alturas infinitas, a separação será uma victoria. Será a *Magnificat* completa, a prece de adoração ao unico Deus grande e misericordioso; a prece de acção de graças, para tudo quanto me foi dado com tanta abundancia; a prece de expiação mais pelo que tenho omitido do que pelo que tenho feito; é pois o brado supplicante que não pôde deixar de ser attendido, pedindo a vida eterna, a força e o consolo para os que deixarei, a misericordia e a gloria para a França bem amada, a chegada do reino de Deus: *Adveniat regnum tuum!*...

Esta oração será toda impregnada de vós, meus paes amados, pois que de vós a aprendi no decorrer de vinte e oito annos de ensinamentos e exemplos.

Anthelmo de Gibergue, morto no campo de honra.

Quereis um remedio seguro contra uma terrivel enfermidade, a ira?

Um olhar ou um beijo ao vosso Crucifixo.

Uma lição

Um reverendo missionario foi convidado para jantar em uma casa. No momento de sentar-se á meza, a senhora apresentou-se com um vestido muito decotado, pelo que o marido julgou o dever dar uma satisfação ao missionario.

— Não importa — lhe disse este: estou acostumado. Não sabe v. que vivi 7 annos entre selvagens?

A caridade bem ordenada

Eis a narrativa de um facto commovente: Uma creança de 6 annos acompanhava sua mãe, n'uma visita aos pobres, onde um facto a commovera entre todos: Num quarto nu, fóra encontrar um pobresinho, miseravel, da sua idade.

Ao voltar para casa, a creança disse á mãe:

— Mamã, se tu enviasses a minha caminha ao pobresinho, o Menino Jesus ficaria contente...

— E tu? perguntou-lhe a mãe.

— Eu? replicou a creança com um sorriso malicioso— dormiria contigo no leito grande.

— Mas... meu querido, d'esta fôrma ganharias com a troca. Ora o Menino Jesus não fica contente senão quando nos privamos de alguma coisa.

A creança ficou-se, pensativa... Pouco tempo depois, ei-la que se dirige novamente a sua mãe:

— Mamã! E se tu enviasses estes brinquedos ao pobresinho! E assim dizendo, poz deante d'ella todos os seus brinquedos. Todos... excepto um só; um gatinho que miava quando lhe apertavam o pescoço.

— Ora, ainda bem, exclamou a mãe. Anda cá que te quero abraçar, porque és um bom menino.

E mandou todos os brinquedos ao pobre.

No dia seguinte, a creança, com um sorriso de piedade e de alegria, diz a sua mãe:

— Mamã! Creio que o pobresinho se divertirá agora:—já tem brinquedos.

N'este momento, a mãe teve uma inspiração sublime.

— Sim, meu filho, respondeu ella... mas o pobresinho não tem um pequenino gato para miar.

A creança abre muito os seus olhos. Depois afasta-se cabisbaixo para um canto. Pega no seu gatinho, contempla-o, acaricia-o. Travava-se uma lucta n'aquelle coraçãozinho, um duro combate n'aquella alma infantil. Por fim, aproxima-se lentamente da mãe, e, com a voz embargada por um soluço, diz-lhe:

— Mamã! Manda tambem o gatinho. Penso que o bom Jesus ficará muito contente.

A mãe apertou contra o peito aquelle coração de anjo, que Nosso Senhor lhe déra, chorando de alegria e sem saber responder-lhe.

O que ella acabara de ensinar a seu filho não era a caridade simples, era o heroismo da caridade.

Ah! se as mães de agora soubessem educar assim os seus filhos, o futuro do mundo estaria assegurado.

A caridade é a lei do mundo e o mundo sem lei é a desordem.

O SACERDOTE

Um sacerdote é por dever o amigo, a providencia viva de todos os infelizes, o consolador dos atribulados, o defensor de todo aquelle que estiver privado de defeza, o apoio da viuva, o pae do orphão, o reparador de todas as desordens e de todos os males causados pelas vossas paixões e vossas funestas doutrinas; sua vida inteira é uma longa e heroica dedicação á felicidade de seus semelhantes. Qual d'entre vós preferiria trocar, como elle, as alegrias domesticas, todos os gozos, todos os bens que os homens buscam tão avidamente, por labores modestos, obrigações arduas, funcções cujo exercicio abate o animo e desagrada aos sentidos, para não colher, muitas vezes, outro resultado de tantos sacrificios senão o desdém, a ingratião e o insulto? Quando ainda estads immersos em somno profundo, o homem de caridade, antecipando a aurora, já recomeçou o curso das obras de beneficencia; consolou o pobre, visitou os enfermos, enxugou o pranto do infertunio ou fez correr as lagrimas do arrependimento, instruiu o ignorante, fortaleceu o fraco, alentou na virtude almas turbadas pelas tempestades das paixões.

Depois de um dia repleto de taes beneficios chegou a noite, mas não o repouso. A' hora em que o prazer vos chama para os espectáculos ou festas, procura-se apressadamente o ministro sagrado: um christão está chegando ao termo da existencia, está prestes a morrer e talvez de uma doença contagiosa. Não importa. O bom pastor não deixará expirar sua ovelha, sem mitigar-lhe as angústias, sem prodigar-lhe as consolações da esperanza e da fé, sem exorar, ao seu lado o Deus que morreu por ella, e que lhe dá, n'esse mesmo instante, no sacramento do amor, um penhor certo de immortalidade.

Eis ahí o padre, ei-lo, não tal como julgando-o por algumas exceções escandalosas, vossa aversão se compraz em figura-lo, mas tal como realmente existe ao redor de nós.

Sim, a religião é hoje o que foi em sua origem; ha menos christãos, mas estes não estão mudados. As mais puras virtudes, dignas dos primeiros seculos, honram ainda o christianismo.

La Mennais

TOTA RATIO SPEI MEAE

(S. Bernardo)

Embora raive o inferno, embora armado contra mim venha em furia a mais horrivel, embora haja revolta do invisivel em meu damno mil vezes conspirado;

embora a meus pés escancarado esteja o infernal bátracho terrivel, inda assim julgarei ser-me passive, chegar ao ceu, ha tanto suspirado.

Justa é a confiança e fortaleza de quem na Immaculada só confia,volvendo-se para ella com presteza...

Ternura incomparavel tem Maria... á sombra de seu manto de Princesa pode qualquer mortal achar valia!

S. M.

Males necesarios

Já se tem observado que os virtuosos não podem eximir-se aos males que affectam a humanidade em geral, se não se quer que Deus esteja fazendo milagres continuados. Se vão muitas pessoas por um caminho de ferro, e entre ellas se encontra uma ou mais de reconhecida virtude, claro é que, se sobrevenem um incidente, Deus não ha de enviar um anjo para que ponha-a salvo d'uma maneira extraordinaria os viajantes virtuosos. Se passam dois homens pela rua, um bom e outro mau, e desaba uma casa sobre suas cabeças ambos ficarão esmagados; as paredes, vigas e madeiras não farão uma abalada sobre a cabeça do homem virtuoso. Se um aguaceiro inunda os campos e destrõe as messes, entre os quaes se encontram as d'um proprietario virtuoso ninguem exigirá da Providencia que, ao chegar as aguas ás terras do homem justo, formem um muro como em outros tempo as do mar vermelho. Se uma epidemia dizima a povoação d'um paiz, a morte não ha de respeitar as familias virtuosas. Se uma cidade soffre os horrores d'um assalto, a soldadesca desenfreada não deixará de assaltar a casa do homem justo como assalta a do reverso.

O mundo está submetido a leis geraes que a Providencia não suspende senão de vez em quando e de commum envolvem ellas sem distincção a todos os que se acham em circumstancias proprias para experimentar seus resultados.

(Balmes. C. a um Sceptico).

ADIVINHA POPULAR

Lá no deserto, onde vivo,
Me vão buscar da cidade,
E nascendo em dias grandes
E' mui curta a minha idade;
Cantar, sem abrir a bocca,
E' o meu divertimento;
E como leigo, que sou,
Pertenco a certo convento.
Dão-me uma pequena cela,
Em que só possa habitar,
Dão-me uma ração em crú
Até na cela acabar.

Decifração do numero anterior: A dôr

Calendario religioso da semana

Março

Domingo, 9 — 1.º da quaresma
Santa Francisca Romana, viuva.

(Quarto crescente ás 3 horas e 14 m.)

Segunda-feira, 10 — S. Multão e comp. martyres.

Terça-feira, 11 — S. Candido, M.

Quarta-feira, 12 — S. Gregorio Magno, P.

Quinta-feira, 13 — A beata Sancha, infanta de Portugal.

Sexta-feira, 14 — Santa Mathilde, rainha.

Sabbado, 15 — S. Zacharias, P.

Sem Indultos: jejum em todos os dias, exceptuado o domingo; abstinencia na quarta, sexta e no sabbado.

Com Indultos: jejum na quarta, sexta e sabbado; abstinencia na sexta-feira.